

SUMÁRIO

159



26_ CAPA PENSADOR DA PRÁXIS

Como e por que as ideias de Maquiavel sobre poder, política, relações e natureza humanas ainda inspiram reflexões sobre a sociedade. Nascido há 550 anos, ele é o filósofo da liberdade.

36_ FÉ, REFLEXÃO E VIDA

Kierkegaard oferece o remédio para todos os males; Chesterton o enuncia. Contra a dor do sentido humano, a Revelação pura do divino.

46_ NOVE MUSAS, TODAS MÚSICA

Embora cada Musa tenha seu nome associado a uma atividade própria, é pelo canto que elas registram a memória de cada criação artística.

50_ DUALIDÃO CRÍTICA

A leitura do célebre texto que Nietzsche envia a seu amigo Franz Overbeck revela o momento em que o filósofo se identifica com Espinosa.

54_ NOVAS LIDERANÇAS

A sociedade 4.0 exige o aprendizado de muitas habilidades, e a Filosofia tem tudo a ver com elas, do pensamento crítico à inteligência socioemocional.

60_ DEMOCRACIA DIGITAL

Ferramentas tecnológicas facilitam a vida. Apesar disso, teriam elas o poder de confundir a real noção do que são direitos fundamentais?

10_ VISIBILIDADE ÀS MULHERES

Diante da real assimetria de gênero na área da Filosofia, nasce a Rede Brasileira de Filósofas, cujo desafio é conectar, dar voz e promover a igualdade.

16_ SÓIS E MUNDOS INFINITOS

Em busca das perguntas e respostas relacionadas à nossa relevância para o cosmos e sobre a existência de algo além da alma.

22_ UMA NOVA ARTE MÉDICA

A redução dos médicos a técnicos que prescrevem medicamentos e medem a pressão arterial é transformar um ser humano em máquina.

LEITURA RÁPIDA

05	CAUSA&EFEITO
09	A PRIORI
15	CINÉFILO
21	DEEP ECOLOGY
42	INTERSECÇÃO
59	TECNAMENTE
64	IPSIS LITTERIS
65	CARTAS

CADERNO ESPECIAL

OS PERIGOS DESTA VIDA

A noção de segurança humana leva à ideia de um mundo globalizado, conectado e no qual os desafios e ameaças são sempre problemas globais.



Homem como animal político

POR **ADRIANO CORREIA**

Muita gente conhece e repete a frase em que Aristóteles afirma que “o ser humano é um animal político”. É bastante curioso, entretanto, que quase sempre se omita o que se segue na frase: “em uma medida maior que qualquer abelha e qualquer outro animal que vive agrupado” (*A política*, 1253a5ss). Assim, o homem é um animal gregário – que vive em sociedade, em grupo ou em multidão – mais que as abelhas, as anchovas ou os macacos. Que somos animais gregários como estes, não é difícil perceber, mas por que somos mais políticos que as abelhas, as hienas e as formigas, por exemplo?

A resposta é o próprio Aristóteles quem fornece na sequência. Os seres humanos são os únicos animais dotados de fala (*logos*), da capacidade de discernir por meio dela o bem e o mal, o justo e o injusto. Outros animais, mesmo não vivendo em grupos, possuem voz (*phoné*) e a capacidade de por meio dela expressar prazer e dor ou raiva e medo, mas apenas os seres humanos, que além da voz possuem a fala, podem, além de se expressar, comunicar e compreender.

É esta capacidade a diferença específica dos seres humanos em relação aos outros animais, aquilo que os singulariza e os determina, e é precisamente a razão de eles serem mais políticos que quaisquer outros animais que vivem em grupo. Mas a política não é uma necessidade, uma vez que podemos viver sem ela.

A *pólis*, como espaço comum, configurava-se como o lugar no qual as singularidades privadas e as individualidades se articulavam e adquiriam um sentido mais amplo do que o que poderia oferecer qualquer espaço privado, sempre limitado em sua dimensão e em sua perspectiva. O intercâmbio destas singularidades por meio da fala no espaço público constituía o comum, que de modo algum coincidia com a soma dos interesses, preferências ou identidades. O comum era como uma segunda natureza, em adição e em contraposição às experiências privadas, individuais ou grupais, sempre determi-

nadas por preferências, modos de vida ou vínculos afetivos nos quais a pluralidade não ocupa um lugar fundamental como o que desempenha na comunidade política.

A fala que constitui este comum consiste na articulação da própria perspectiva em uma interlocução na qual todos têm igual direito à fala (*iségoria*), todas as falas têm o mesmo peso (*isosséphia*) e a obrigação político-moral de falar com franqueza (*parrhésia*) – tudo isto articulado pela *isonomia*, pela igualdade das singularidades forjadas artificialmente pela lei.

Essa conversação sem fim não faria sentido se os cidadãos supusessem que esta condição fundamental de igualdade perspectiva fosse uma precariedade a ser superada pelo apelo ao possuidor de uma técnica ou de uma verdade superiores ou se concebessem que as necessárias dissensões que ela abriga seriam superadas por algum consenso final a ser alcançado. Os acordos que esta fala engendra forjam instituições eventualmente duradouras, embora sempre em reforma, mas antes de tudo se materializam na pura atualidade das assembleias, em que o comum se forjava na diversidade, no encontro, no debate e nos acordos.

A política se dá entre os homens, portanto, e não é algo próprio da natureza humana, uma vez que pode muito bem não se dar, seja pela dominação violenta, seja pela recusa ou pela inviabilidade de toda experiência que não seja privada, seja pela acomodação com ser governado sem dar palpite, seja pelo rechaço da diversidade perspectiva e da fala mediadora. Não há política sem imaginação, sem a capacidade de figurar perspectivas e juízos que não sejam os próprios, ou os do próprio grupo e sem reconhecer esta capacidade de imaginar, sem necessariamente ter empatia ou passar pelas mesmas experiências, como condição indispensável para constituir o comum. 🌱



ADRIANO CORREIA é professor de Filosofia da Universidade Federal de Goiás e presidente da Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia (ANPOF).



DIÁLOGOS

VISIBILIDADE ÀS MULHERES

Diante da realidade da enorme assimetria de gênero na área da Filosofia, nasce a Rede Brasileira de Filósofas com o nobre desafio de tecer laços que conectam, dão voz, fazem filosofia e ainda buscam promover a igualdade

POR **NÁDIA JUNQUEIRA RIBEIRO**

Em 2016, Carolina de Araújo, integrante do Departamento de Filosofia da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), divulgou os dados de uma pesquisa cujos resultados comprovaram uma realidade já notória entre as profissionais dessa área das Humanidades: as mulheres são minoria na Filosofia no Brasil, e essa presença se reduz pela metade nos estratos mais altos da carreira. A partir dali, projetos de pesquisa, ensino e extensão em filosofia na área de gênero começaram a ganhar maior atenção, bem como o estudo de filósofas ao longo da história.

Como colorário desse resultado, no final de 2019 sobreveio o nascimento da Rede Brasileira de Filósofas (RBF). Trata-se de uma rede que se organiza de forma coletiva e horizontal, com deliberações coletivas sobre suas ações. A princípio, poderiam ser membros da rede somente homens e mulheres com títulos de doutorado em Filosofia ou aqueles que tivessem mais de dez anos de carreira na área e ainda estivessem desenvolvendo projetos sobre Filosofia e Mulheres.



© DANA / ISTOCKPHOTO.COM

Dado o grande interesse dos profissionais, desde o lançamento, a RBF ampliou a participação para professores de Filosofia (da Educação Básica ou Superior) e pós-doutorandos que estejam desenvolvendo projetos sobre o tema. Os que não se encaixam nesses perfis, mas estudam ou trabalham com filosofia e desejam dedicar-se à questão, o acesso ao grupo se dá por meio dos projetos disponibilizados no portal e o contato com o respectivo coordenador. Pessoas que se interessem pela área, mas não de modo profissional, podem acompanhar os trabalhos por meio de cadastro no *site* www.filosofas.org e nas redes sociais. O coletivo já reúne 40 membros de várias regiões do Brasil.

Juliana Aggio, da UFBA (Universidade Federal da Bahia); Loiane Verbicaro, da UFPA (Universidade Federal do Pará); Patrícia Ketzner, da UPF (Universidade de Passo Fundo); e Silvana Ramos, da USP (Universidade de São Paulo), integrantes da RBF, à ocasião do lançamento do *site*, defenderam os benefícios de um trabalho realizado em rede e de forma interdisciplinar e declararam que o objetivo desta iniciativa é divulgar os trabalhos de filósofas, invisibilizadas ao longo da História da Filosofia, mas também combater a desigualdade de gênero na área, o preconceito acadêmico, discutir feminismo, além de fazer filosofia. Confira, a seguir, a entrevista que elas concederam à Anpof (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia) e à revista **Filosofia Ciência&Vida**:

Revista Filosofia: Quais são os objetivos e a importância da RBF?



Loiane Prado Verbicaro: A RBF é um projeto que se apresenta para viabilizar a integração de pesquisadoras, colocando-as em conexão, comunicação e diálogo a partir de seus trabalhos e projetos de ensino, pesquisa e extensão.

Juntas, essas pesquisadoras poderão enfrentar os obstáculos de uma área fortemente marcada pelo silenciamento e consequente desconhecimento da presença de filósofas na história do pensamento filosófico. Além disso, a partir de agora, as filósofas poderão reivindicar mais igualdade de gênero, consideradas as enormes assimetrias da área.

Como se dará isso na prática?

Loiane: Como a filosofia não é um privilégio dos homens, a RBF pretende realizar um resgate das filósofas na história da filosofia, além de trabalhar para tornar a área mais democrática, diversa e plural em suas perspectivas e campos de estudo, com o fomento das discussões feministas e a inclusão do gênero como categoria filosófica. Sobre este ponto, é importante referenciar a filósofa feminista Seyla Benhabib e sua crítica às teorias morais universalistas que enfatizam a dimensão do outro, generalizado como sujeito, e que informa o ponto de vista moral pressuposto pelo cânone filosófico como responsável pela invisibilização da mulher no debate moral e político contemporâneo, assim como pela consecutória reprodução das relações de dominação das mulheres pelos homens. Uma das idealizadoras da RBF, Yara Frateschi, da Unicamp, tem discutido a necessidade de a filosofia política enfrentar os problemas de seu tempo a partir de uma crítica à tradição moderna para trazer ao debate os marcadores de gênero, raça e classe, que se entrelaçam na construção do sujeito concreto.

Este parece ser um enorme desafio diante do cenário atual.

Loiane: Como afirma Wendy Brown, em “Nas ruínas do neoliberalismo”, a racionalidade neoliberal tem êxito em fazer desaparecer os poderes sociais, as reivindicações críticas e de igualdade, ademais de questionar o valor das humanidades com um processo de instrumentalização econômica e de onipotência do dinheiro e do utilitarismo, o que reforça o compromisso da RBF de estreitar os laços e de dar as mãos na defesa da filosofia e das mulheres na filosofia. Nesse contexto, a RBF pretende dar visibilidade ao trabalho desenvolvido pelas mulheres na Filosofia, em todas as regiões, recantos e universidades do País, permitindo conexões, parcerias e servindo de inspiração para que tenhamos mais mulheres na Filosofia.

A ideia, então, é democratizar...

Loiane: ... Além de dar oportunidade para que tenhamos um ambiente simétrico e igualitário, considerando as significativas desigualdades de gênero, de raça, de classe e também as desigualdades regionais (as profundas assimetrias do conjunto federativo brasileiro). Pretendemos, ademais, ser um importante locus de discussão para uma democratização pedagógica de valorização do trabalho das mulheres, contra o machismo e a misoginia estrutural, contra todo tipo de preconceito vinculado ao gênero e à sexualidade. Para tanto, defendemos que os projetos de ensino, pesquisa e extensão, em suas bibliografias e programas de curso, tragam mais filósofas, assim como, que nos eventos acadêmicos, a exemplo de congressos e bancas, as mulheres sejam chamadas a participar.

E como isso seria possível?

Loiane: Precisamos combater o déficit de representação (sub-representação) das mulheres na área e isso passa pela maior visibilidade de seus trabalhos, que serve de exemplo e inspiração às alunas para que se promova a desnaturalização da ideia

de que o lugar do pensamento abstrato não é socialmente destinado às mulheres, permitindo-se, dessa forma, que as alunas iniciem suas trajetórias filosóficas mais representadas, fortalecidas e acolhidas. Em uma área resistente a mudanças estruturais, a articulação em rede nos une, apesar da distância, e nos fortalece, embora sejamos minoritárias, para enfrentarmos, cooperativa e solidariamente, os desafios de um quadro de desigualdade estrutural, social, cultural e institucional que nos invisibiliza e nos secundariza.

Gostaria de saber quais são as maiores dificuldades hoje enfrentadas.



Patrícia Ketzer: As mulheres são silenciadas mesmo em circunstâncias em que são autoridade epistêmicas no assunto em questão. A

disseminação de termos, no movimento feminista, que salientam a violência simbólica sofrida pelas mulheres tem possibilitado a identificação desse tipo de situação. Cito o *mansplaining* – explicação masculina –, que ocorre quando um homem explica a uma mulher algo que ela já sabe, mas ele insiste em abordá-la como se ela não fosse capaz de compreender, e o *maninterrupting* – interrupção masculina –, quando um homem constantemente interrompe a mulher que fala. Tais vocábulos explicitam a prática de silenciamento, corriqueira entre as mulheres. Há ainda o *bropropriating*, homem que ganha todo o crédito por expressar a ideia de uma mulher, ou seja, ele se apropriou de algo que não foi originalmente pensado por ele. Tal situação demonstra que as ideias são mais aceitas quando partem de homens. Essas situações são uma realidade nas universidades brasileiras e também nos cursos de filosofia. Como afirma Simone de Beauvoir: “O mais cretino dos homens julga-se um semideus diante das mulheres”.

E isso também se aplica aos autores clássicos?

Patrícia: As mulheres não foram somente ridicularizadas no decorrer da História da Filosofia, tendo sua capacidade intelectual menosprezada, mas também os conceitos epistemológicos foram construídos a partir de estereótipos de masculinidade, como de razão e de objetividade. Conceitos que servem a uma dupla função: epistemológica e política, visto que influenciam diretamente todo o ideal do que se compreende por Filosofia. Alguns dos maiores pensadores eram misóginos declarados. Aristóteles afirmava que as mulheres não eram racionais; Kant, que careciam de personalidade civil, Rousseau defendia que a educação das mulheres deveria ser voltada para servir aos homens. Nietzsche e Schopenhauer são conhecidos pelas frases depreciativas em relação às mulheres.

Como a RBF transformará essa cultura?

Patrícia: A rede surge como uma alternativa que prioriza mulheres, que valoriza as produções de/para/por mulheres. Um grande passo na consolidação do trabalho de mulheres na filosofia. Serve como uma correção para o apagamento histórico do que sofremos. Sempre existiram pensadoras, e se não as vemos nos livros é porque quem conta a história são os homens. A RBF se propõe a corrigir este problema dando visibilidade a pensadoras mulheres e a seus trabalhos. Também serve como um suporte contra as violências perpetradas contra as mulheres na academia, discutindo o assédio e o silenciamento sofridos.

A RBF já foi lançada com a apresentação de vários projetos. Pode falar sobre eles?



Juliana Aggio: O que estrutura a RBF, basicamente, são os projetos. Todas/os que desenvolvem projetos nessas temáticas

podem se tornar membros e participar, seja divulgando seus projetos, participando de fórum de debate, publicando *posts* sobre temas diversos, eventos, entrevistas, chamadas para publicação etc., seja debatendo e modificando as próprias regras já existentes. Os membros podem até ter uma página de seus projetos no *site*, que disponibiliza diversos recursos, como o de ter uma coluna de divulgação dos *posts* atrelados ao projeto. O *site* está vinculado às redes sociais, o que permite a divulgação por meio de notificações nos *e-mails* cadastrados, bem como nessas mídias.

Como as pessoas poderão ter acesso a esses recursos?

Juliana: Para participar como membro, o/a pesquisador/a deve preencher um formulário disponibilizado no *site* com informações sobre o projeto que coordena. Outras/os integrantes do projeto também podem participar publicando *posts* em seu nome, mas a partir do *login* do projeto. Ou seja, as publicações não precisam ser apenas no nome do/a coordenador/a. Elas podem sair assinadas por um/a aluno/a ou outro participante. Além disso, introduziremos novas formas de participação para pós-graduandos em 2020.

O que se espera da ação on-line do portal e quais serão as atividades fora desse espaço?

Juliana: São três os principais papéis da RBF: divulgar nossos projetos, abrir para o debate sobre temas diversos que envolvem as mulheres e possibilitar que nos conectemos Brasil afora para sabermos o que estamos produzimos e se podemos, assim, estabelecer diálogos, trabalhos conjuntos, formação de grupos de pesquisas etc. O impacto social é notório, mesmo neste breve tempo desde o lançamento, sobretudo por dar visibilidade a projetos pouco conhecidos para a maioria, mas que são muito importantes no local onde eles ocorrem. Para além disso, o propósito político é o de conquistar a visibili-

dade e o reconhecimento acadêmico e social da filosofia feita por mulheres, ou seja, tornar visível o que já existe – as obras produzidas por mulheres – e reivindicar o direito pelo reconhecimento do que já é de fato – a natureza filosófica dessas obras.

A RBF funciona de forma interdisciplinar?



Silvana de Souza

Ramos: Ela privilegia a divulgação e o intercâmbio entre filósofas brasileiras. Não se trata, porém, de desvalorizar as

experiências de colegas de outras áreas ou de recusar o diálogo com elas. Pelo contrário, penso que essa iniciativa nasce do reconhecimento de que a Filosofia está atrasada com relação a outras áreas de pesquisa no que diz respeito tanto ao estudo dos problemas ligados às questões de gênero quanto ao fomento de políticas institucionais de combate às desigualdades que cercam nosso trabalho no contexto universitário brasileiro. Assim, penso que neste momento é importante dar visibilidade às estudiosas de filosofia no Brasil e estabelecer redes onde sejam oportunos e desejáveis o aprendizado e a troca de experiência entre elas, de modo que juntas possam enfrentar problemas tais como o assédio moral e sexual, a negligência dos processos de avaliação de produtividade com relação às especificidades de gênero (nossa luta pelo reconhecimento do período da maternidade como fator de impacto na produção acadêmica, por exemplo), entre outros.

Como isso dialoga com seus objetivos?

Silvana: Eu diria que o fato de sermos numericamente poucas na área cria uma situação bastante peculiar: não são raros os momentos em que nos sentimos sós. Há muitos departamentos de filosofia no Brasil onde trabalham pouquíssimas docentes. Isso não significa que nossos colegas sejam desagradáveis, ou

que não seja possível estabelecer parcerias com eles. Do ponto de vista estrito da pesquisa, para mim tem sido uma experiência maravilhosa poder conhecer colegas de outros departamentos, estabelecer ações em concerto, organizadas de forma horizontal. Eu aprendo muito com minhas colegas e as admiro enormemente. Penso que a RBF e outras iniciativas como essa têm criado novos espaços de convívio e, principalmente, de produção coletiva de conhecimento. Penso que minha pesquisa individual – centrada na investigação acerca da democracia moderna – tem sofrido um forte impacto dessa experiência. Num momento histórico em que as relações sociais e políticas se tornaram violentas e tóxicas, é um alento fazer parte de uma iniciativa inovadora e tão cheia de possibilidades de invenção como esta.

Existem outras experiências nas quais a RBF se espelha?

Silvana: Há redes de pesquisadoras que utilizam esse mesmo modelo: o uso de uma plataforma digital a partir da qual são divulgadas pesquisas e experiências e onde podem ser realizados debates e fóruns sobre assuntos diversos. Contudo, eu penso que essa ocupação do espaço digital pela filosofia pode ser um experimento bastante interessante. É sabido que as redes sociais têm funcionado por meio da circunscrição de bolhas, no interior das quais não há debate, espaço para o dissenso ou mesmo para a menor diferença. Nesse sentido, penso que a rede se inspira em outras iniciativas, mas seu principal objetivo é o de realizar no meio digital a potência de fomento ao debate público que este espaço guarda. Eu acredito que as mulheres, uma vez que apenas recentemente conquistaram o direito à fala pública, sejam capazes de realizar essa proeza, tão necessária ao nosso tempo: a de sustentar um espaço de debate produtivo e fraterno. 🌱

Nádia Junqueira Ribeiro é jornalista da Anpof e doutoranda em Filosofia Política na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

As razões das nossas doenças

POR **ÉRICO ANDRADE**

Em uma sociedade onde reina o imperativo da felicidade, ser obrigado a rir é paradoxalmente uma condenação que, na forma do distúrbio psíquico de Arthur Fleck, protagonista do filme *Coringa*, nos faz refletir sobre o nosso adoecimento. Será que a loucura não seria nos obrigar a sermos felizes diante de um quadro de pobreza e injustiça? E, sobretudo, felizes segundo as normas do gozo que o capitalismo impõe como os aplausos encomendados nos programas de auditório? Um gozo pronto para o consumo. Diante de tanto apelo à felicidade, como realizar a fantasia do prazer eterno na forma do riso quando rir é um ato compulsório? Apesar de ser didático e deixando claro para o telespectador todos os seus detalhes, o filme fala sobre um profundo adoecimento. A exigência de uma vida feliz no erro, para parafrasear Adorno, é a forma como o diretor Todd Phillips escolheu para conduzir, por meio da apresentação minuciosa de um vilão de quadrinhos, uma trama em cujo centro está um diagnóstico de algumas de nossas patologias sociais. Estamos doentes. As razões para isso são várias. Uma delas é explicitada por Fleck (antes de se tornar o Coringa): ninguém escuta ninguém.

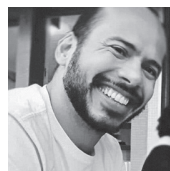
Para a urgência da vida feliz o tempo da escuta é incompatível. Temos pressa de ter pressa. E esta só é interrompida quando assumimos a figura do *loser* para o qual o tempo não é mais um território a ser conquistado. O *loser* é aquele que, como na música ecoada com força no filme, não pode pegar a vida. Ele não domina a sua própria vida. Aliás, só um vilão poderia encarnar o *loser*, porque ainda que ele mimetize o super-herói, visto que ambos agem à margem do Estado para promoverem certa noção de justiça, a sua atuação é construída a partir do fracasso e da impotência por meio dos quais ele se subjetiviza.

Diferentemente dos super-heróis, cuja assepsia em geral não permite matar os adversários, o Coringa é um *loser* que decide tocar fogo no sistema e atinge na cabeça – em cadeia nacional – a felicidade ridícula da vida feita para

entreter. Enquanto no filme *Batman*, dirigido por C. Nolan, por exemplo, o super-herói é obrigado a escolher entre um grupo de pessoas e a sua namorada presa, só a ele cabe a decisão e a capacidade de salvar essas pessoas, no *Coringa* a própria personagem estabelece quem vai viver. O ponto de convergência: as vidas que são poupadas são aquelas para as quais eles guardam algum afeto. São os afetos que movem os heróis, super-heróis e os vilões. São os afetos que nos movem. Isto é a vida.

As oscilações de humor de Fleck (interpretação impecável de Joaquin Phoenix) são destacadas também de modo metafórico em algumas cenas por luzes que piscam freneticamente. Seu sofrimento vai ganhando forma definitiva, como sublinha uma amiga, no desenvolvimento da sua dança – performance – cada vez mais densa e, em certa medida, violenta. Ele deixa de se fantasiar para ser o seu fantasma. É quando ele toma consciência de que é um *loser* em uma sociedade composta por *losers* (motivo pelo qual ele termina se tornando um ícone social) e se assume definitivamente como o Coringa.

A última cena em que o agora Coringa fala, o close no seu rosto é tão próximo que parte dele fica fora da tela. É o apogeu do seu sofrimento e é quando ele se encontra no mesmo sanatório para o qual a sua mãe tinha ido. Sua mãe que fora condenada por maltratá-lo e que ele resolve matar numa tentativa desesperada de enterrar o seu passado: su-focar. No entanto, a volta do recalcado não respeita limites nem algumas vezes a ética. Transgride. O filme *Coringa* é sobre essa estrutura da transgressão. 🧠



ÉRICO ANDRADE é filósofo, psicanalista em formação, professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
ericoandrade@gmail.com